

ÍNDICE

Prefácio	II
I. Agostinho da Silva em Sesimbra.....	15
<i>Pedro Martins</i>	
II. Testemunhos de um Sesimbrense	179
<i>António Reis Marques</i>	
Posfácio	201

SESIMBRA NA VIDA DE AGOSTINHO DA SILVA

Prefácio

Este livro é antes de mais um importante, embora localizado, subsídio para o conhecimento biográfico de Agostinho da Silva. Tem como fio condutor Sesimbra e a presença desta na vida do escritor. Sesimbra, vila piscatória entre Sado e Tejo, com uma localização privilegiada nas fraldas da serra da Arrábida e pergaminhos de antiguidade tão sérios que já Camões a respeita de subida forma, citando-a ao lado das mais importantes cidades do reino do século XII (canto III, 65), foi, de forma recorrente e em momentos diversos, um dos locais mais marcantes da vida de Agostinho da Silva.

Nascido num dos arrabaldes do Porto oitocentista, a Campanhã, criado para a vida física numa aldeia rude e rural da Beira transmontana e transfronteiriça, na confluência da água de dois rios, o Douro e o Águeda, Barca d'Alva, a que ficou para sempre ligado, a ponto de se querer aí nado e não apenas criado, e desperto para a vida do espírito no velho burgo da foz do Douro, onde frequentou a escola primária da Rua da Alfândega, o Liceu de Rodrigues de Freitas e por fim a primeira Faculdade de Letras, a de Leonardo Coimbra, veio depois Agostinho pela primeira vez instalar-se em Lisboa no ano de 1929, onde frequentou a Escola Normal Superior, a tal onde segundo as suas palavras *nunca tantos se juntaram para saberem tão pouco de coisa alguma*, e estagiou, no Liceu Pedro Nunes, ao cuidado do metodólogo Sá e Oliveira, que muito lhe ensinou, como professor do grupo de português e de latim.

Esta primeira estadia de Agostinho na cidade do Tejo foi porém sol de pouca dura, pois logo em 1931, já casado com sua prima irmã Berta



David, obteve uma bolsa da recém criada Junta de Educação Nacional para ir prosseguir estudos na capital gaulesa, onde ficou até 1933, ao que parece muito de companhia com António Sérgio que lá estava exilado por via da grande bernarda que acontecera em Fevereiro de 1927 contra a novel ditadura militar. No seu regresso a Portugal, foi Agostinho ocupar um lugar de professor do quadro no Liceu Nacional de Aveiro, onde reencontrou António Salgado Júnior, seu antigo colega na Faculdade de Letras do Porto, e por onde ficou até a sinistra lei Cabral, em 1935, o surpreender à queima-roupa. Incapaz de se submeter a uma tal tacanhez atirou, numa atitude rara, que só ela dá a medida do gigantismo deste homem, o lugar às urtigas, mau grado a família que já constituíra e as poucas ou nenhumas posses de seus pais. Quem lhe valeu no transe difícil foi Joaquim de Carvalho, professor em Coimbra, antigo associado da Renascença Portuguesa e antigo editor de Agostinho na Imprensa da Universidade de Coimbra, que lhe desencantou nova bolsa, desta vez para Madrid, ao cuidado de Américo de Castro e do seu Centro de pesquisas. Os primeiros estampidos do golpe militar fascista no final da Primavera do ano seguinte voltam a empurrá-lo para Lisboa, onde se vem a dedicar ao ensino privado, no colégio Infante de Sagres, no bairro de Benfica, dirigido por Pavão Leal, um legionário de camisa verde com uma dose irreprimível de loucura, suficiente para integrar Agostinho no seu corpo docente. Deu-se ainda às explicações particulares e à obra escrita das biografias, que arrancam entre 1937 e 1938, e dos vários cadernos, em suas várias séries, que saíram do seu escritório da Palhavá entre 1940 e 1944.

Foi neste período que se deram os primeiros contactos de Agostinho com a vila piscatória de Sesimbra. No colégio de Benfica encontrou ele Orlando Ribeiro, que estava então a concluir a sua dissertação de doutoramento sobre a Arrábida, o que o obrigava a fazer muito trabalho de campo no espaço que vai de Sesimbra a Setúbal, para o que passou a ter a companhia de Agostinho, adepto entusiasta dessas e outras expedições pedestres. São proverbiais, em todos os momentos da sua vida, da infância aos últimos momentos, os passeios a butes deste homem. Por exemplo, no Brasil, na região de Itatiaia, onde viveu com Judite Cortesão entre 1948 e 1951, tinha por hábito andar quarenta quilómetros por dia. Este homem era um gigante, ou um pedagógico monstro como ele de si diz no *Caderno de Lembranças* (2006: 45) –



EXPLICAÇÃO

A posteridade de Agostinho da Silva vive hoje momentos preocupantes para quantos se recusam a encerrá-lo na memória circense das *Conversas Vadias*, denunciada por António Cândido Franco em *O Estranhíssimo Colosso – Uma Biografia de Agostinho da Silva*.

Na primeira edição do livro que o leitor tem entre mãos, antepus ao presente estudo um prólogo no qual, em dado passo, deixei escrito:

(...) confrange-me ainda certo devocionismo que, desde o final da década de 80, se gerou em torno da sua figura. Muito por mor das aparições televisivas do pensador (eis como a sucumbência da divulgação se volve perigosamente em vulgarização), tornou-se este um fenómeno iconográfico que pede por vezes meças às efígies de uma Amália ou de um Eusébio. Daqui à incensação acrítica do seu legado não foram muitos os passos, aliás curtos e lestos.

Não deve ser inocente o que continua a acontecer. Há mais de uma década, por isso mesmo perdida, como a de Fitzgerald, que não surgem novos livros, nem livros novos, de Agostinho da Silva. Não se reeditam de modo autónomo os títulos clássicos que cobriram de glória a sua obra nem se publicam os muitos escritos inéditos que subsistem na penumbra. Quase desaparecidas das livrarias, as suas obras de conjunto encontram-se hoje à venda, a pataco, na alguma feira fortuita de fins de edição. Os míticos *Cadernos de Informação Cultural*, muito úteis por variadíssimas razões, não viram nunca outro prelo que não fosse o



da edição princípio. Inúmeras páginas dispersas do filósofo continuam a aguardar o evidente benefício da compilação. Um marco miliário de *agostiniana* como *As Folhas Soltas de São Bento e outras* só poderá ser resgatado por bibliófilos encartados que logrem a façanha de lobrigar os já tão raros como longínquos *Dispersos*. Os livros de poesia por Agostinho publicados na extinta editora Ulmeiro encontram-se, quando se encontram, nos portais de venda de coisas usadas.

No meio deste mísero deserto, que em Economia pertence à ordem do mistério, surgiram, entretanto, um livro de citações e uma antologia de textos. Não chegam, todavia, as suas páginas para que em oásis se possa falar. Antes se diriam miragens. Decerto legítimos, serão livros perigosos. À “boa maneira” das *selectas* de tempos idos, uma antologia, em tal contexto, torna-se, praticamente, o único modo de o leitor ter acesso imediato, no mercado livreiro, aos textos do filósofo. “Escolher é rejeitar” – sábias palavras que, em 2013, pude escutar ao Professor Artur Anselmo, num congresso internacional sobre Luís António Verney em que, como oradores, partilhámos a mesma mesa.

Do livro de citações não falarei. Devo antes lembrar o que aqui preferiria esquecer: o modo como hoje, institucionalmente, se divulga a obra de Agostinho da Silva através do *facebook*. São ínfimas citações desgarradas, descontextualizadas, repetidas até uma náusea não muito diversa do enjoo que Agostinho de si próprio confessou sentir após as lamentáveis *Conversas Vadias*. A despeito desta revelação do filósofo, exarada perante a jornalista Antónia de Sousa, assistimos, há não muito, e a preventiva distância, já se vê, à promoção pública de umas *Novas Conversas Vadias*, título de um ciclo destinado ao estudo da vida, da obra e do pensamento do filósofo. Há momentos em que nos lembramos de Freud...

Como quer que seja, o expediente cibernetico até seria interessante se, qual engodo empatado num anzol, funcionasse como princípio de descoberta. Sabemos, porém, que isso não é possível. Assim, tudo o que vem à rede social é peixe, para que entre o pelim e a petinga se defina, famélica, a ementa quase herbívora deste Agostinho *fast food*, jungido à frugalidade das tebaidas.

Destarte se perpetua um devocionismo longos anos fomentado. Metodicamente se atiça a histeria dos *fãs* pasmados, soltando *bruás* de



Com efeito, tudo leva a crer que naquele dia da Senhora da Conceição Agostinho da Silva esteve em Sesimbra com a família de António Telmo, na casa da mãe deste. Agostinho conhece então a anfitriã, revê Maria Antónia e, radiante, reencontra Anahi, a afilhada querida, deixando-se fotografar com ela ao colo.



Na verdade, num postal de Agostinho para Anahi, datado de 30 de Dezembro de 1969, como que encontramos a confirmação dessa visita, o tempo transcorrido sendo o necessário para a conclusão e a revelação do rolo fotográfico e para o envio da fotografia pelo correio:

30.12.69

Mas, Moça, como você está bonita e seu padrinho muito orgulhoso de ter Afilhada tão linda. Tão engraçada! Já mostrei seu retrato a uma porção de Amigos e todos me dão os parabéns pela Afilhada. Estou ansioso por voltar a Sesimbra e desta vez quero ver você mesmo e dar-lhe, além do meu abraço, o que toda essa gente lhe está mandando.

E muito obrigado pela boa lembrança.

Seu padrinho muito amigo,

Agostinho da Silva



o Professor. Falar-se-ia de Rafael Monteiro? Na verdade, o grupo não teria tido tempo para o visitar no Castelo, e o acaso também não propiciou o encontro. Nem por isso, segundo Siewierski me pôde confirmar, Agostinho deixaria de o mencionar, nesse dia cheio de sol que ficou gravado na memória do meu depoente como um dos mais marcantes dos quatro anos e meio que a família Siewierski viveu em Portugal...

Ao cabo de três horas, saíram todos a passear pela praia e pelas ruas da *Piscosa*. Deste belíssimo périplo há também um precioso registo em daguerreótipo fixado na Rua da Paz, junto à esquina da travessa homónima, que, entretanto, deu lugar à Rua Plínio Augusto Chagas Mesquita, expoente da Sociedade Musical Sesimbrense. Anos depois da visita, o velho trecho urbano de casas térreas onde ficava a sede da “Música” transmutou-se num amplo e moderno edifício. Mas, por agora, é Agostinho da Silva quem está perante a objectiva, a mão esquerda apoiada na cintura, na direita a enorme pasta de trabalho que o acompanhou durante toda a viagem. Postado logo à sua frente, Michał, loiro querubim de três anitos, cruza os braços e projecta alhures o olhar. Junto do *estranhíssimo colosso* está ainda Małgorzata, fitando noutra direcção. É Agostinho quem se impõe a Henryk, que fotografa o momento urbano. Por trás de si, o filósofo portuense tem uma

